

www.cmjournal.pt

CORREIO da manhã

ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO Nº14 635 DO CORREIO DA MANHÃ E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Box Santander Advance - Madeira

- ☛ A ilha da inovação e das novas ideias
- ☛ A influência IFFRU na reabilitação urbana
- ☛ Madeira como incubadora natural

Formação e mercado de trabalho
O poder da formação na sociedade

Turismo
A importância do longo prazo

Hélder Santos,



PUB



 **MAIS
PRÓXIMO
DAS REGIÕES
MADEIRA**

www.maisproximodasregioes.negocios.pt

 **Santander**
Empresas

negocios

CORREIO
da manhã

NEGÓCIOS INICIATIVAS Box Santander Advance Empresas - Madeira

FORMAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO

“A formação é a arma mais poderosa em qualquer sociedade”

O turismo e a administração pública são os principais empregadores. O grande problema é o desemprego estrutural que se deve sobretudo à falta de qualificações.

FILIPE S. FERNANDES

“A universidade não é a visão utópica da busca da verdade, mas não é uma empresa, pois não tem clientes. As vezes dizem que as universidades são boas porque os professores publicam em revistas que ninguém lê, porque tem excelentes instalações”, afirmou Hélder Lopes, presidente do Observatório de Emprego e Formação Profissional, que foi criado em 1998 tem por objetivo o tratamento de estatísticas sociais bem como a elaboração de estudos no âmbito do Trabalho, Emprego e Formação Profissional.

A Universidade da Madeira pode ser avaliada pelos profissionais que saíram ao longo dos trinta anos e já 13 mil licenciados, e qual tem sido a sua valia profissional. “Em todas as áreas temos pessoas que a nível internacional como o Leonardo Jardim, secretários regionais, presidentes de Câmara”. Considera que veio “democratizar o acesso à universidade” e

melhorar a capacidade profissional, a qualificação, a capacitação e o conhecimento madeirense.

Novas tecnologias

“A formação é a arma mais poderosa que qualquer sociedade tem, quando essa qualificação falha, tudo o resto falha”, disse Adelaide Borges, vogal do Conselho Diretivo do Instituto Emprego da Madeira. Revelou que hoje a Madeira tem um sobretudo um desemprego estrutural, “que tem a ver com as poucas e baixas qualificações dos desempregados. E esta condição é difícil de combater. O maior esforço a fazer as pessoas saberem que a qualificação é fundamental para o seu futuro e ter emprego e boas remunerações, mas muitas vezes, os inativos dizem-nos que estão inscritos no Instituto de Emprego porque querem emprego, não querem formação”. Têm estágios de formação para requalificar os desempregados para entrarem no mercado de trabalho e medidas ativas de emprego.

“Tem de se apostar na formação e na capacitação das pessoas tal como se investe em equipamentos informáticos”, considerou Raquel Brazão, diretor departamento de Economia e Cultura da Câmara Municipal do Funchal, que como mini-governo, o emprego e a promoção da formação estão implíci-

tos na sua área de intervenção emprega 1623 pessoas, e que a administração pública representa 22% da população ativa da Madeira. Adiantou que “a formação até devia ser mais obrigatória na função pública” e que a relação da Câmara nas questões da formação, dos licenciamentos, e o contacto é feito sobretudo através do Balcão do Investidor.

Qualificação profissional

“Hoje em dia a política de qualificação procura corresponder aos desejos, aspirações e procura das novas gerações e que passa muito pelas novas tecnologias”, explicou Ricardo Faísca, chefe de divisão do Instituto para a Qualificação, faz agora 40 anos, e tem centro de formação e a Escola Profissional Francisco Fernandes, e têm a gestão do Fundo Social Europeu nomeadamente o programa 14-20 na área da formação num montante de 80 milhões de euros.

Referiu que um dos objetivos da UE é que em 2020, 50% dos jovens no ensino secundário estejam no ensino profissional. Salientou ainda que, por vezes, há desajustes entre a oferta e a procura. “Por exemplo, as empresas procuram soldadores, mas o centro de formação não consegue candidatos para cursos de formação de soldadores”, concluiu Ricardo Faísca. ■

As dificuldades para apoiar as exportações

A expressão “apoiar a exportação” é quase proibitiva, embora seja necessário promover a internacionalização. “Nos regulamentos quando se fala em premiar a exportação tem que haver muita imaginação para apoiar de uma forma direta ou indireta”, avisou Jorge Faria, presidente do Instituto de Desenvolvimento Empresarial da Madeira. Acrescentou que “os regulamentos comunitários impõem-nos certas regras e parâmetros que são difíceis moldar à nossa maneira”. Adianta que, no caso das regiões ultraperiféricas, há uma dotação específica adicional que não depende de terceiros e “conseguimos moldar ao encontro da especificidade do tecido empresarial”.

Uma patente registada

Na internacionalização é o sector do turismo que trata melhor da questão, além disso as empresas grandes têm massa crítica para efetuar esse movimento. Patrícia Dantas, diretora regional da Eco-

nomia concordou que “no sector do turismo temos uma grande dinâmica, que tem vindo a crescer não só em termos de quantidade mas também no valor. É um sector com maiores empresas, é muito competitivo e exposto ao mercado internacional e em que a incorporação de valor e de inovação digital é muito significativa”. Não deixou de sublinhar os principais instrumentos de políticas públicas. Ao nível de incentivos fiscais para novas atividades, como o Código Fiscal do Investimento, “em que se tem de fazer alterações para o tornar mais atrativo”, concedeu Patrícia Dantas.

Por sua vez, Elsa Fernandes, vice-reitora da Universidade da Madeira, considerou que a relação da universidade com as empresas tem vindo a crescer. “Perceberam que a Universidade da Madeira poderia ser uma mais-valia pelo trabalho que desenvolve e pela colaboração que pode dar”, afirmou. Revelou desta colaboração resultou o registo de uma patente. ■



“A formação e o mercado de trabalho” foi uma

Hélder Santos;



das sessões mais participadas da Box Santander Advance Empresas que se realizou no Funchal.

A influência do IFRRU na onda de reabilitação urbana

“A Câmara Municipal do Funchal tem vivido uma mudança de paradigma do ordenamento do território e que teve a ver com as questões da reabilitação urbana”, afirmou Cristina Pereira, arquiteta da Câmara Municipal do Funchal, num debate moderado por Sandra Augusto, que no Santander é coordenadora do IFRRU, instrumento público de reabilitação urbana que tem fundos do Portugal 2020.

Em 2015 foi aprovada a primeira Área de Reabilitação Urbana (ARU) do Funchal, o que permitiu a criação de incentivos fiscais. Foram os primeiros passos e “estamos satisfeitos com os resultados já alcançados em termos de investimento no centro histórico”, que com as áreas antigas “são a maior riqueza da cidade”. Nesta política, o IFRRU (Instrumento Financeiro para a Reabilitação e Revitalização Urbanas) tem sido um instrumento de atração de investidores, mas socialmente inclusiva e de revitalização do comércio tradicional. Desde Janeiro a junho de 2019

deram entrada na Câmara do Funchal 235 requerimentos para investimento na reabilitação urbana, 60 dos quais com parceiro IFRRU.

São Vicente é um concelho rural, existe um ARU aprovado, até por causa de obras públicas com fundos comunitários, e dois ainda aguardar aprovação. Tem a particularidade de “procurar ir mais longe na reabilitação urbana, para além dos núcleos históricos que são mais reduzidos no concelho, em que a emigração, o despovoamento levam ao abandono e à degradação do edificado”, assinalou José António Garcês, presidente da Câmara Municipal de São Vicente.

O papel da engenharia

O ARU tem incentivos fiscais em termos de IMI (Imposto Municipal sobre Imóveis), a isenção do IMT (Imposto Municipal sobre Transmissões Onerosas de Imóveis) em eventual compra de prédios e na primeira venda e para as empresas isenção de IRC nas tran-

sações e nas mais-valias das pessoas são tributadas em 5% de IRS. “Com a recuperação destes edifícios melhora-se a paisagem de São Vicente, o que tem impacto no turismo e na qualidade de vida”, refere José António Garcês.

O mercado de reabilitação urbana ainda só representa menos de 10% da indústria de construção, que “está desalinhada com a Europa onde representa 37%”, salientou Miguel Branco, presidente da Ordem dos Engenheiros-Região da Madeira. Sublinhou que “reabilitar não é reconstruir, que muitas vezes se faz nas cidades, mas dar novos usos e garantir a perenidade dessas construções”.

Assinalou que as obras de reabilitação “dispensam licenciamentos e a participação da engenharia, quando esta é fundamental”. Referiu ainda a preocupação da Ordem dos Engenheiros com a “sustentabilidade das reabilitações urbanas” e alertou os investidores de que é “preciso colocar engenharia nestes processos”. ■

O novo normal é a digitalização

“Sou fanático do planeamento e da organização mas depois mudo tudo à última da hora”, começou por dizer António Alvarenga, professor na Nova SBE, que tem uma consultora especializada, Alva, relacionada com as questões do longo prazo, cenários, e ligação a projetos de inovação e conceção estratégica.

A sua comunicação procurou mostrar o que a digitalização pode significar para os negócios, uns que desaparecem, e outros que irrompem ou se transformam. “Relatórios sobre a digitalização há muitos e disponíveis, aliás uma das consequências da digitalização é que já não há um monopólio do conhecimento, a questão é como é acedemos e o transformamos em ação”, sublinhou António Alvarenga.

Impactos e mudanças

A digitalização depende dos dados, que são a principal matéria-prima do processo de transformação e mudança. A transformação digital é a passagem do digital para o analógico, que já começou há muito tempo, mas é também o aumento das capacidades de processamento, a virtualização e a transformação de indústrias protegidas, que através da digitalização, passaram a abertas como o turismo com o airbnb, ou a mobilidade com a Uber.

Concluindo, é “a utilização de tecnologias digitais para alterar o modelo de negócio, manter, recuperar e aumentar as fontes de rendimento, e a criação de valor”.



Uma das consequências da digitalização é que já não há monopólio do conhecimento. A questão é o acesso e a sua transformação em ação.

ANTÓNIO ALVARENGA
Professor da Nova SBE
e consultor na Alva

A capacidade de mobilizar e o conhecimento estão também no coração da digitalização. Capacidade de cruzar e retirar informação e atuar com base numa quantidade de dados que era impossível tratar anteriormente. “Temos ferramentas como a IA, o Big Data, em que as máquinas conseguem encontrar padrões a partir de milhões e milhões de dados de informação, que um humano não conseguia”, referiu.

O mercado transforma-se e, por exemplo, a Airbnb gere mais camas do que o Hyatt ou a maior cadeia hoteleira do Mundo e não é um hotel mas uma plataforma. Mas também há mais exposição, pois uma falha de segurança perde-se tudo, ou ética, em termos ambientais ou pela forma como lido com os clientes ou com as boas práticas de contratação, tem uma amplificação grande através das redes sociais. ■

Hélder Santos;



António Alvarenga é professor na Nova SBE e consultor de prospetiva.

NEGÓCIOS INICIATIVAS BOX SANTANDER ADVANCE EMPRESAS - MADEIRA

Hélder Santos;

O turismo tem de ser pensado a longo prazo

“Temos de ter um olhar estrutural, porque há fenómenos conjunturais que não podemos alterar”, diz Afonso Tavares da Silva. Para Roland Bachmeier, a hotelaria e o turismo têm de ter uma visão a cinco, dez anos, “do que queremos fazer”.

“O turismo da Madeira teve nos últimos três anos uma performance muito positiva. Entre 2015 e 2018 cresceu 15% em hóspedes, 8,7% em dormidas e 26,7% em proveitos e o Rev/Par cresceu 23,5%”, mostrou Roberto Santa Clara, presidente da Associação de Promoção da Madeira, criada em 2004.

Há vários fatores estão a condicionar o turismo madeirense. Namobabilidade aérea, faliram sete companhias aéreas em dois anos, e há dificuldade em substituir as companhias desaparecidas. O ressurgimento de outros destinos como a Grécia, a Turquia e o Egito, por exemplo, a que se junta o Brexit, embora já se tenha sentido o impacto direto da desvalorização da libra.

“A estratégia de valor que resultou nos últimos anos tem de ser pros-

seguida”, defende Roberto Santa Clara, que considera que se tem de discutir um novo plano estratégico para o turismo madeirense pois não se podem funcionar com o “achómetro”, é necessário conhecimento”.

“O Santander selecionou dois clusters para estudar e conceber ofertas específicas e, no caso do turismo, a Madeira foi escolhida para criar esse produto”, revelou Vítor Calado, que sublinhou que não só financiam como acompanham os clientes, mesmo em feiras de turismo. E o banco foi um dos catalisadores da licenciatura de turismo na Universidade da Madeira, sublinhou Vítor Calado.

Preço dos voos aumenta

“A quebra no turismo é inevitável, por isso é mais importante fidelizar e apostar nos mercados tradicionais, do que procurar novos mercados,



O debate sobre o turismo da Madeira contou a participação e as perspectivas de vários empresários do sector.

como o brasileiro ou norte-americano, pois não é fácil criar novas rotas”, advertiu Afonso Tavares da Silva, CEO da Leacock Investimentos.

Roland Bachmeier, administrador do Grupo Galo Resort Hotels, alertou para o facto de que com a falência de cerca de 21 companhias aéreas, os constrangimentos ambien-



Por causa dos voos, importa mais fidelizar e apostar nos mercados tradicionais do que procurar novos

AFONSO TAVARES DA SILVA
CEO
Leacock Investimentos

tais e climáticos, a “Madeira se tem de preparar para o aumento dos preços do transporte aéreo para o dobro nos próximos cinco anos”. Na sua opinião, a hotelaria e o turismo têm de ter uma visão a cinco, dez anos, “do que queremos fazer”.

Na sua opinião, “o turismo madeirense tem de ter mais força e ser mais flexível, pois há cada vez mais propostas alternativas com um valor excepcional”, e a resposta está nas propostas diferenciadoras em relação ao que existe.

Afonso Tavares da Silva diz que a Madeira está a três horas de voo do centro da Europa e que o tipo de turismo encaixa nas preferências da geração dos baby-boomers, que além tem disso têm mais dinheiro. “Temos de ter um olhar estrutural, porque há fenómenos conjunturais que não podemos alterar”. Recorda que o facto

de o Boeing 373 Max ter sido proibido de voar afetou 10% do transporte aéreo da Madeira.

“Em termos de animação turística, a Madeira tem 90% do que existe no mundo e temos a vantagem de que todas as empresas sabem receber bem o turismo”, referiu Pedro Mendes Gomes, sócio gerente da Rota dos Cetáceos, uma empresa pioneira na Madeira no turismo natureza e sustentável.

“Todos estamos na economia digital. A Madeira não pode ficar por uns sites e umas apps, tem de criar uma infraestrutura tecnológica, para, através do Big data, analytics, realidade virtual, inteligência artificial, de recolha de informação que permita tomar decisões e proporcionar uma melhor experiência ao turista”, referiu José Luís Freitas, consultor do Projeto Smartdest. ■

Madeira, uma incubadora natural de negócios

“Uma região ultraperiférica, pequena, com poucas economias de escala, não tem recursos naturais que lhe permitam produtos de exportação. O facto de ser uma ilha tem sido uma barreira ao crescimento. Mas há áreas em que as situações negativas são menos evidentes, como nas áreas das tecnologias, ou no turismo”, disse Duarte Rodrigues, administrador do Grupo Sousa.

“Na Madeira, o turismo é como o futebol, tem imensos treinadores de bancada...”, afirmou com ironia Bruno Freitas, CEO, Savoy Hotels & Resorts. Na sua opinião, “o turismo é um fator dinamizador e pode ser uma mola e um impulsionador de diversificação da economia re-

gional, e um motor de desenvolvimento de outros setores como os serviços mas também a agricultura que existe produz sobretudo para a restauração e hotelaria”.

Bruno Fernandes, economista do Santander sublinhou que “o turismo é uma das alavancas da economia madeirense, representa cerca de quarto do PIB. Cerca de 50% do emprego da região depende dos setores do turismo, comércio e transportes”.

Este peso faz com que Duarte Rodrigues defenda que não se deve colocar os ovos todos no mesmo cesto, por isso é importante a diversificação da economia, e apontou o caso do CNIM, porque é um motor de desenvolvimento da economia

madeirense que “foge ao tradicional turismo”, concluiu o administrador do Grupo Sousa, está no transporte marítimo, operações portuárias, logística, energia e turismo.

Educação e qualificação

Uma das apostas na diversificação é nas novas tecnologias. Para Luís Sousa, CEO da ACIN I-cloud Solutions, “a Madeira pode ser uma grande incubadora, como aconteceu em tempos passados, pois foi na Madeira que surgiu a primeira televisão por cabo, foi pioneira no gás natural, e devíamos olhar para a região como incubadora natural”.

Para que se atinja este objetivo há um problema, admite Luís Sousa, e que tem a ver com “a falta de in-

Uma lição de literacia financeira

Uma das sessões teve a ver com a literacia financeira, módulo que foi dirigido por Jorge Líbano Monteiro, da ACEGE, que se destina sobretudo a alunos do ensino secundário entre o 10º e o 12º ano. Pretende ser um espaço de reflexão para gerir as responsabilidades das finanças pessoais e que seja “inspiradora para vida de cada um”.

Funciona em torno de várias questões como a utilidade do dinheiro, o que move e quais são os objetivos de quem usa o dinheiro, o que é sucesso e a importância do controlo financeiro e a importância da ética na gestão financeira. Termina com dois exercícios práticos sobre o controlo financeiro e a ética na gestão financeira.

teresse do nosso país no sector educativo, pelo menos na área tecnológica”. Por exemplo, a empresa concorreu a uma ação de formação no valor de 100 mil euros, ganhou, mas

os conteúdos obrigatórios a lecionar estavam desatualizados 15 anos, e desistiu de fazer a formação. Bruno Freitas também referiu a “de qualificação intermédia”. ■